



# Regina não arreda e enreda os senadores

**A** careação de ontem poderia ter se encerrado na primeira hora com a intervenção do senador Jefferson Peres (PDT-AM). Manauara carrancudo de 68 anos Peres foi o primeiro a enfrentar simultaneamente os senadores Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e Jader Barbalho (PMDB-PA) no início da guerra de ambos ao pedir que a Casa os repreendesse depois de um dos edificantes bate-bocas que os dois caciques protagonizaram no ano passado. É o último senador de quem se possa esperar que transforme a tribuna do Senado num picadeiro de circo.

Na acareação se disse pouco afeito a eufemismos e foi direto ao ponto. As contradições já estavam escancaradas quando o Conselho de Ética resolveu marcar a sessão de ontem. O senador Jefferson Peres fez o serviço direito porque restringiu-se a torná-las claras para quem alguma dúvida tivesse sobre o envolvimento dos senadores José Roberto Arruda (sem partido-DF) e Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA). O senador amazonense perguntou a Arruda se ele havia pedido autorização a ACM antes de dirigir-se à ex-diretora do Prodasen, Regina Borges. “Disso não tenho a menor dúvida”, disse Arruda com o tom habitualmente assertivo com que mente. Virou-se para o senador Antonio Carlos e perguntou se ele tinha dado autorização a Arruda para que o então líder tucano do governo abordasse Regina Borges sobre a violação do painel. “Não dei autorização a ninguém”, disse o senador baiano com a soberba que a exposição pública do caso não foi capaz de lhe privar. “Alguém está faltando com a verdade”, resumiu Jefferson Peres.

Depois o senador dirigiu-se a Regina Borges e perguntou se Arruda lhe havia pedido claramente para obter a lista de votação. Extraiu da ex-senadora do Prodasen um de seus momentos mais incisivos — “Sim e quanto a isso eu não arredo”. Fez a mesma pergunta a Arruda e obteve dele uma resposta que, a pretexto de incriminar a funcionária, deixou ainda mais expostas as facetas do seu caráter — “Ainda que ela tivesse dito ao fim do nosso encontro que estava saindo para cumprir uma ordem, esta foi uma interpretação dela”.

## **A acareação tirou dúvidas de quem ainda as tinha**

Na última de suas três perguntas, Peres dirigiu-se a Antonio Carlos Magalhães. Disse que ACM já tinha explicado,

embora não o tivesse convencido, as razões porque não denunciara a violação do painel. “O que não se explica nem se justifica é que o sr. não tenha chamado a funcionária para uma reprimenda. Se o sr. não a admoestou isso não é uma prova, mas um forte indício de que agiu em concordância com o senador Arruda”. ACM não pôde negar o que já havia afirmado e ainda provocou nova contradição. O senador baiano disse que não a repreendeu pelo ato no telefonema que lhe fez ao receber a lista porque não constataria a violação naquele momento. Foi um dos piores momentos de ACM. Ele já havia dito que constataria a violação da lista no momento que a recebera.

As perguntas que se seguiram ainda suscitaram algumas outras contradições, mas o essencial estava ali, nos dez minutos da sisudez cortante de Jefferson Peres. Os senadores Ney Suassuna (PMDB-PB) e Heloísa Helena (PT-AL) desmontaram de uma vez por todas o argumento de Arruda de que agira por zelo em relação à segurança do sistema de votações da Casa. Suassuna perguntou a Regina se, depois da violação, lhe foi feito algum pedido para que o sistema tivesse sua segurança reforçada. “Não”, respondeu Regina. O único motivo da violação fora a lista e a ela limitaram-se as preocupações dos senadores. Veio Heloísa Helena e cercou Arruda. “Se o interesse era apenas o de consultar sobre a segurança do sistema, por que precisava usar o nome de ACM?”. Arruda foi evasivo. Logo em seguida, admitiu outra mentira. Sustentara até ontem com toda a veemência que o encontro com Regina Borges, como a ex-diretora do Prodasen sempre sustentara, não havia acontecido na véspera da votação de Luiz Estevão. Ontem, cedeu.

Apesar de ter trazido poucas informações novas, a acareação acabou clareando a inconsistência das versões. Mas a acareação cumpre outro papel — o de mobilizar a torcida, aquela que demora para ir à rua, mas quando sai, dificulta o acordo entre aqueles que, depois de atear o fogo, querem apagá-lo quando o espetáculo começa a ficar mais interessante.

**Maria Cristina Fernandes é editora de Política.**

**Escreve às sextas-feiras**

**E-mail** mcristina.fernandes@valor.com.br